



**Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República,
Luiz Inácio Lula da Silva, à revista AlgoMais**

Publicada na edição nº 35 – fevereiro de 2009

Jornalista: Nota-se que nas suas visitas a Pernambuco há um entusiasmo além da política. A sua presença por aqui em várias ocasiões tem um peso sentimental?

Presidente: Eu saí de Pernambuco ainda muito menino, mas por mais que a gente rode o mundo, por mais que conheça, visite e viva em diversos outros lugares, a ligação afetiva com os conterrâneos e com a terra natal é muito forte e permanece por toda a vida. Eu nasci no atual município de Caetés, que na época era distrito de Garanhuns. A ligação com a cidade, com o estado de Pernambuco e com o Nordeste eu guardo aqui no lado esquerdo do peito. No exercício da Presidência, no entanto, eu não posso misturar políticas públicas com sentimentos pessoais. Se hoje estamos priorizando esta região e também o Norte em termos de políticas sociais, de investimentos em diversas áreas, de localização de empreendimentos de estatais é porque, para nós, chegou finalmente a hora e a vez do povo e das regiões que estiveram historicamente abandonados e marginalizados. Mesmo assim, não descuidamos do restante – hoje o nosso governo tem investimentos em 93% das quase 5 mil e 600 cidades do País. Os moradores das cidades grandes podem atestar que há 30 anos não se via um volume tão grande de obras nas regiões metropolitanas.

Jornalista: Como a opinião pública pôde sentir nessa campanha eleitoral dos municípios brasileiros, o peso do apoio do senhor aos candidatos do bloco governista foi muito grande, disputado até mesmo por opositores. Esse é um fato único na política brasileira. Qual o significado disso tudo para o



senhor?

Presidente: Na eleição, apoiei os candidatos dos partidos da nossa base por uma questão de lealdade às correntes que, em linhas gerais, apóiam a nossa política e participam da nossa administração. É verdade que fui apoiado e defendido inclusive por opositoristas, o que prova que em meu governo tenho agido de forma absolutamente isenta. O tratamento que dispensei a prefeitos e governadores não leva em conta se eles gostam ou não de mim, se concordam ou não politicamente comigo, não depende de sua filiação partidária. Eu costumo olhar os interesses e principalmente as necessidades dos cidadãos do município ou do estado e não se são governados por A, B ou C. Afinal, todos são brasileiros, independentemente da região, e merecem o mesmo tratamento. Se estivesse agindo de maneira discriminatória, evidentemente não aconteceria essa coisa inédita de até adversários me apoiarem e disputarem o meu apoio.

Jornalista: Essa campanha mostrou também que o eleitorado do Nordeste e principalmente de Pernambuco continua fiel ao presidente Lula. O senhor acha que o governo federal, comandado por um nordestino, está dando uma contrapartida proporcional ao apoio da região à sua administração?

Presidente: Eu acho que acontece exatamente o contrário. São as nossas ações efetivas em favor do povo e dos estados do Nordeste que estão sendo reconhecidas pela população. O apoio recorde de mais de 80% da população é uma retribuição. Mas nada do que tenho feito em benefício da região deve ser atribuído ao fato de eu ser nordestino. A atenção que dedico à região é devido seguramente aos ensinamentos da minha mãe, que teve uma penca de filhos. Ela dizia: “A gente sempre tem que dar atenção ao filho que está mais fraco, mais frágil. Se uma criança está vulnerável, é naquela que a mãe mais faz



dengo, é aquela que a mãe mais ajuda, é aquela que a mãe bota para dormir com ela”. Olhando o Brasil como uma família, eu aplico em relação aos cidadãos o mesmo que minha mãe fazia em relação aos filhos. Não abandono nenhum estado, nenhuma região, mas procuro tratar com muito mais atenção as populações, regiões e microrregiões que mais necessitam. Se estamos investindo pesado no Norte e no Nordeste é porque essas regiões nunca eram lembradas pelos formuladores das políticas públicas. O objetivo, que já estamos alcançando, é a redução das distâncias, tanto sociais quanto econômicas, que as separam de outras regiões do Brasil.

Jornalista: Pernambuco tem a melhor oportunidade dos últimos 50 anos com os investimentos projetados em Suape (estaleiro, refinaria). O senhor está satisfeito com o apoio federal a esses empreendimentos? Ele poderia ser maior?

Presidente: Eu, sinceramente, não poderia estar mais satisfeito do que estou. No total, as obras do PAC no estado de Pernambuco envolvem investimentos de nada menos que R\$ 31,4 bilhões. É uma coisa inédita, uma verdadeira revolução, com uma infinidade de obras de infra-estrutura espalhadas por todo o estado. Outros empreendimentos de vulto e que nos orgulham são exatamente o Estaleiro Atlântico Sul e a Refinaria General José Ignácio de Abreu e Lima, ambos no complexo portuário e industrial de Suape. O Estaleiro, maior do hemisfério sul, tem financiamento do BNDES, com recursos do Fundo de Marinha Mercante, e vai construir dez petroleiros para a Transpetro e o casco da Plataforma P-55 para a Petrobras. Aliás, a nossa estatal do petróleo poderia ter encomendado o casco fora e talvez saísse mais em conta, mas nós deixaríamos de possibilitar o surgimento de toda uma cadeia de fornecedores para o Estaleiro, de injetar uma soma fabulosa de recursos na economia de Pernambuco e do Brasil, de criar milhares e milhares de empregos diretos e



indiretos e de fomentar o consumo e o comércio. A Refinaria é um empreendimento binacional de nada menos que R\$ 8,91 bilhões, uma coisa ainda mais extraordinária se a gente levar em conta que a Petrobras construiu sua última refinaria em 1980, há quase 30 anos. E o Nordeste, que nunca teve uma refinaria, agora vai ter quatro: essa em Pernambuco, em andamento, no ano que vem uma no Maranhão, uma no Ceará e outra no Rio Grande do Norte. Em outros governos, imagino que todas essas refinarias estariam sendo planejadas para o centro-sul do País, aumentando ainda mais a concentração econômica e as desigualdades regionais e sociais em nosso país.

Jornalista: Enfim, defina Lula, segundo o próprio Lula.

Presidente: Vou falar um pouco, mas, claro, só do que acho que são algumas qualidades minhas. Eu sou um sujeito que não costuma reclamar da vida. Para mim, nunca houve tempo ruim, nunca fiquei sentado num canto culpando os outros pelos meus sofrimentos. E olha que eu já passei por poucas e boas. Quando era criança, cheguei a acordar de madrugada em meio a enchentes, com rato subindo na cama para não morrer afogado. Em outras vezes, eram fezes e baratas boiando ao lado da cama e a gente perdia tudo o que tinha juntado. Diante de todas essas dificuldades e de muitas outras que enfrentei pela vida afora, eu não ficava me queixando, resmungando, eu ia à luta todos os dias porque acreditava que era possível mudar, evoluir, melhorar, superar os problemas. Por exemplo, em relação a essa crise internacional, eu poderia lavar as mãos, alegar que não sou o culpado – como não sou mesmo – e ficar jogando a culpa em cima dos Estados Unidos e do presidente Bush. A crise ia chegar com força, devorar milhões de empregos e afundar o País. No entanto, eu arregacei as mangas e fui à luta, reunindo todos os ministros e tomando uma série de medidas para enfrentar e atenuar os efeitos da crise, reduzindo suas consequências ao mínimo possível. Outros governos, diante de situações



nem tão graves, tratavam de economizar, cortar gastos, reduzir a atividade econômica, procurando salvar as contas do país e com isso contribuindo para o aprofundamento da crise e deixando todos os trabalhadores desamparados. Eu estou fazendo exatamente o contrário: estou reduzindo impostos, investindo pesado em obras públicas, induzindo estados e municípios a fazerem o mesmo, estimulando a população a não reduzir gastos para, com isso, manter em funcionamento a roda da atividade econômica. É o meu jeito de ser e de agir: eu sempre acredito que é possível encontrar saídas mesmo diante de problemas que parecem não ter solução. Dizem por aí que eu tenho sorte e eu acho que tenho mesmo. Mas digo como o terceiro presidente americano, Thomas Jefferson, quando falaram o mesmo a respeito dele: “Eu acredito muito na sorte. Aliás, eu tenho constatado que quanto mais duro eu trabalho, mais sorte eu tenho.”

(\$31DHKLP)